RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desse trabalho será disponibilizado somente a partir de 30/08/2026.

DIEGO FERNANDO RODRIGUES AZORLI

Os candomblés e os intelectuais no Brasil da primeira metade do século XX

Assis

2024

DIEGO FERNANDO RODRIGUES AZORLI

Os candomblés e os intelectuais no Brasil da primeira metade do século XX

Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Assis, para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Fabiana Lopes da Cunha

Assis

2024

A996c

Azorli, Diego Fernando Rodrigues

Os candomblés e os intelectuais no Brasil da primeira metade do século XX / Diego Fernando Rodrigues Azorli. -- Assis, 2024

182 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientadora: Fabiana Lopes da Cunha

1. Candomblés. 2. Nina Rodrigues. 3. Arthur Ramos. 4. Édison Carneiro. 5. Ruth Landes. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE DIEGO FERNANDO RODRIGUES AZORLI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 30 dias do mês de agosto do ano de 2024, às 14:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de DIEGO FERNANDO RODRIGUES AZORLI, intitulada **Os candomblés e os intelectuais no Brasil da primeira metade do século XX**. A Comissão Examinadora foi constituida pelos seguintes membros: Professora Doutora FABIANA LOPES DA CUNHA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. FABIANA SCHLEUMER (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Profa. Dra. LUCIA HELENA OLIVEIRA SILVA (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. YNAÊ LOPES DOS SANTOS (Participação por Parecer Circunstanciado) do(a) UFF/Rio de Janeiro, Profa. Dra. LEILA MARIA GONÇALVES LEITE HERNANDEZ (Participação Virtual) do(a) FFLCH/USP. Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professora Doutora FABIANA LOPES DA CUNHA

gov.br Documento assinado digitalmente
FABIANA LOPES DA CUNHA
Data: 02/09/2024 15:59:42-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Aos meus pais e aos amigos queridos dessa longa jornada

Agradecimentos

Gostaria de começar agradecendo aos meus pais. Por me concederem todo o suporte emocional e mental para que essa obra pudesse ser concretizada. Sem eles eu não seria ninguém.

A minha orientadora Fabiana, com quem trabalho desde 2011. Lá se vão quase 13 anos! Agradeço o apoio, bibliografias indicadas, confiança e carinho.

Aos professores que compuseram minha banca: Dra. Lúcia Helena Oliveira Silva, Dra. Fabiana Schleumer, Dra. Ynaê Lopes dos Santos e Dra. Leila Leite Hernandez. Agradeço também aos queridos professores suplentes: Dr. Leonardo Dallacqua de Carvalho, Dra. Zelia Lopes da Silva e Dra. Luciene Cristina Risso.

Aos amigos de perto e de longe. Johnny Lucas Borges de Araújo, meu amigo-irmão de todas as horas: agradeço por nossas conversas diárias que me ajudaram a organizar ideias e a diminuir a ansiedade. Aos queridos: Inêz de Deus Neiva Brandão, Yume Kikuda Silveira, Marcella Maganha, Andréia Cristina Urbancic, Vagner Tadeu Paes de Oliveira, Jéfferson Luiz Balbino Lourenço da Silva, Everton Vieira Barbosa, Rafaela Sales Goulart, Elisa Mara Mastelari Ferri, Patrick Gomes de Oliveira e outros que provavelmente eu possa ter esquecido de citar. Obrigado pelos papos, carinho, cafés, bolos e papos sobre a vida.

Agradeço a equipe da Escola Estadual Professor Tomaz Ortega Garcia e aos alunos que passaram por minhas aulas, nesses quase dez anos!

Uma tese de doutorado não se faz sozinho. É preciso toda uma rede de amigos, carinho, suporte, proteção e cuidado emocional.

Agradeço a todos os amados amigos!

"Chegar para agradecer e louvar. Louvar o ventre que me gerou, o orixá que me tomou, a mão da doçura de Oxum que consagrou. Louvar a água de minha terra, o chão que me sustenta, o palco, o massapê, a beira do abismo, o punhal do susto de cada dia. Agradecer as nuvens que logo são chuva, sereniza os sentidos e ensina a vida a reviver. Agradecer os amigos que fiz e que mantêm a coragem de gostar de mim, apesar de mim. Agradecer a alegria das crianças, as borboletas que brincam em meus quintais, reais ou não. Agradecer a cada folha, a toda raiz, as pedras majestosas e as pequeninas como eu, em Aruanda. Agradecer o sol que raia o dia, a lua que como o menino Deus espraia luz e vira os meus sonhos de pernas para o ar. Agradecer as marés altas e também aquelas que levam para outros costados, para todos os mares. Agradecer a tudo que canta no ar, dentro do mato, sobre o mar, as vozes que soam de cordas tênues e partem cristais. Agradecer os senhores que acolhem e aplaudem esse milagre. Agradecer ter o que agradecer. Louvar e abraçar!"[1]

[1] **ETERNO EM MIM.** VELOSO, CAETANO [compositor]. In: ABRAÇAR E AGRADECER [S.I.]: Biscoito Fino, 2016. 1CD. Faixa 1. Recitação de Maria Bethânia ao fim da faixa.

Resumo

Os candomblés e outras religiões de matriz africana foram retratados por diversos intelectuais ao longo dos anos do início do século XX. Essas expressões religiosas herdaram o preconceito e o racismo direcionados às populações negras brasileiras, encarada como problema, atraso e algo que devia ser superado. Os quatro autores apresentados nesse trabalho: Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Édison Carneiro e Ruth Landes retratam, através de suas obras um *continuum* de quase meio século de visão sobre as religiões de matriz africana e principalmente os candomblés. Através dos relatos e das análises desses autores é possível acompanhar as dinâmicas que sofreram a mitologia, os ritos, costumes, sociabilidade, repressão social e policial sofridos por essas expressões religiosas. Nina Rodrigues, um médico legista, é o primeiro a publicar um livro sobre o candomblé. Lançado no exterior (França), em 1900, *L'Animisme fétichiste des négres de Bahia*, obteria sua versão em português apenas em 1935. A obra descreve e apresenta diversos aspectos do candomblé, mas é carregada de preconceito e discriminação contra a população negra. Em 1934, o psiquiatra Arthur Ramos publica *O negro brasileiro*, funda o que ele chama de Escola Nina Rodrigues e procura publicar e reeditar as obras de seu mestre, Nina Rodrigues. O livro de Ramos traz, novamente a população negra aos holofotes, lidos, dessa vez, pelos conceitos da psicologia da época. A população negra e sua religião é taxada de atrasada e pouco evoluída. Nesse mesmo ano acontece o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, organizado por Gilberto Freyre e outros integrantes da chamada Escola Recifense, onde as religiões africanas são apenas coadjuvantes. Em 1936, Édison Carneiro, um jornalista, publica as *Religiões Negras*, com o apoio de Arthur Ramos. O livro inova pouco com relação as informações e opiniões de seus antecessores. Em 1937 ocorre o Segundo Congresso Afro-Brasileiro, agora organizado pela chamada Escola Baiana. Em 1938 têm início as pesquisas de Ruth Landes, uma norte-americana, sobre o candomblé. Seu livro seria publicado apenas em 1947 em inglês e em 1967 em português. Sua obra propunha uma leitura do candomblé por um viés de gênero e causou diversos atritos no campo intelectual brasileiro e estrangeiro sobre o tema. Ao longo de quase 50 anos essas expressões religiosas africanas têm sido alvo de curiosidades, especulações, perseguição policial e difamações enquanto procuram se estabelecer como religião. Este trabalho tem como objetivo traçar um panorama dessa sequência de obras em quase meio século, analisar e questionar as motivações de seus intelectuais, sua rede de contatos e relações e estimular futuras pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: Candomblés – Intelectuais Brasileiros – Nina Rodrigues – Arthur Ramos – Édison Carneiro – Ruth Landes

Abstract

Candomblés and other religions of African origin were portrayed by various intellectuals throughout the early 20th century. These religious expressions inherited the prejudice and racism directed at black Brazilian populations, seen as a problem, backwardness and something that needed to be overcome. The four authors presented in this work: Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Édison Carneiro and Ruth Landes portray, through their works, a continuum of almost half a century of vision on religions of African origin and especially Candomblés. Through the accounts and analyses of these authors it is possible to follow the dynamics that the mythology, rites, customs, sociability, social and police repression suffered by these religious expressions. Nina Rodrigues, a forensic doctor, is the first to publish a book on Candomblé. Published abroad (France) in 1900, L'Animisme fétichiste des négres de Bahia would only be published in Portuguese in 1935. The work describes and presents various aspects of Candomblé, but is full of prejudice and discrimination against the black population. In 1934, psychiatrist Arthur Ramos published O negro brasileiro, founded what he called the Nina Rodrigues School, and sought to publish and reissue the works of his teacher, Nina Rodrigues. Ramos' book once again brought the black population into the spotlight, this time through the psychological concepts of the time. The black population and its religion were labeled as backward and undeveloped. That same year, the First Afro-Brazilian Congress took place, organized by Gilberto Freyre and other members of the so-called Recife School, where African religions played only supporting roles. In 1936, Édison Carneiro, a journalist, published Religiões Negras, with the support of Arthur Ramos. The book was little new in relation to the information and opinions of its predecessors. In 1937, the Second Afro-Brazilian Congress took place, now organized by the so-called Escola Baiana. In 1938, Ruth Landes, an American, began research on Candomblé. Her book would only be published in 1947 in English and in 1967 in Portuguese. Her work proposed a reading of Candomblé from a gender perspective and caused several conflicts in the Brazilian and foreign intellectual fields on the subject. For almost 50 years, these African religious expressions have been the target of curiosity, speculation, police persecution and defamation as they seek to establish themselves as a religion. This work aims to outline an overview of this sequence of works over almost half a century, analyze and question the motivations of its intellectuals, their network of contacts and relationships, and encourage future research on the subject.

Key words: Candomblés – Brazilian Intellectuals – Nina Rodrigues – Arthur Ramos – Édison Carneiro – Ruth Landes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO 1: AS TRÊS PRIMEIRAS DÉCADAS 18

1.1. *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos* 24

1.2. Os Africanos no Brasil 53

CAPÍTULO 2: A TERCEIRA DÉCADA: AS NOTÍCIAS SOBRE OS CANDOMBLÉS SE AVOLUMAM 67

2.1. Arthur Ramos e *O Negro Brasileiro*..... 67

2.2. 1º Congresso Afro 80

2.3. Édison Carneiro e as *Religiões negras* 88

2.4. 2º Congresso Afro 108

CAPÍTULO 3: A QUARTA DÉCADA: OS ESTRANGEIROS SE INTERESSAM PELOS CANDOMBLÉS 129

3.1. Ruth Landes e a *Cidade das Mulheres* 129

CONSIDERAÇÕES FINAIS 160

PERIÓDICOS E REVISTAS 164

BIBLIOGRAFIA 166

"A música é a língua materna de Deus [...]. Foi isso, [...] que nem católicos nem protestantes entenderam, que em África os deuses dançam. E todos cometeram o mesmo erro: proibiram os tambores. Na verdade, se não nos deixassem tocar os batuques, nós, os pretos, faríamos do corpo um tambor. Ou, mais grave ainda, percutiríamos com os pés sobre a superfície da terra e, assim, abrir-se-iam brechas no mundo inteiro. [...] Este branco vai regressar às primeiras águas e nelas vai aprender a sonhar."[2]

"Tambor está velho de gritar / Oh velho Deus dos homens / deixa-me ser tambor / corpo e alma só tambor / só tambor gritando na noite quente dos trópicos / Nem flor nascida no mato do desespero / Nem rio correndo para o mar do desespero / Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero / Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero / Nem nada! / Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra / Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra / Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra / Eu / Só tambor rebentando o silêncio amargo da Malafaia / Só tambor velho de sentar no batuque da minha terra / Só tambor perdido na escuridão da noite perdida / Oh velho Deus dos homens / Eu queria ser tambor / e nem rio / e nem flor / e nem zagaia por enquanto / e nem mesmo poesia / Só tambor ecoando como a canção da força e da vida / Só tambor noite e dia / dia e noite só tambor / até a consumação da grande festa do batuque! / Oh velho Deus dos homens / deixai-me ser tambor / só tambor!"[3]

[2] COUTO, M. **As areias do imperador livro dois**. 2016, [s.p.].
[3] CRAVEIRINHA, José. Quer ser Tambor.

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa pretende empreender discussões e comentários das obras que se seguiram sobre os candomblés a partir daquela que parece ser a primeira a explorar sobre o tema. Dizemos explorar e não tratar ou abordar, pois, como procuramos demostrar nesse trabalho, os candomblés nunca foram o tema principal dos autores estudados.

Desconhecemos outro trabalho com a mesma pretensão. Dissertações e teses têm preferido tratar de apenas um dos autores, de uma obra ou conjunto delas, mas não de construir uma linha cronológica de quase meio século. Dizemos isso sem tecer qualquer crítica a estes autores, reconhecemos que o tema é complexo e, como dissemos, como os candomblés não eram o tema central desses autores, pesquisar sobre eles ou suas obras inclui um campo vasto de questões. Por esse e outros motivos, decidimos seguir nessa abordagem que, salvo engano, sabemos inédita.

Em nossa dissertação de mestrado, em 2016, procuramos demonstrar como os europeus traduziram o mundo dos africanos utilizando-se de suas lentes eurocêntricas. A perpetuação dessa opinião em livros, que chegaram a outros europeus que jamais teriam contato com uma África múltipla, foi o estopim para o desserviço que verificamos até hoje quando nos referimos àquele continente. Não podemos ter a ilusão de que foi um erro inocente. Muito pelo contrário, como nos reforça Edward Said[4], foi um ato calculado e muito bem calculado. Quando nos delimitamos então ao campo da religião africana, que é o nosso interesse, vemos que há distorções, afirmações maldosas e criminosas que persistem ainda.

A experiência em África seria construída, como disse Said sobre o Oriente, em um "lugar [...] de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis"[5]. Notáveis, porém ridicularizadas e diminuídas para marcar bem o par de opostos com o correspondente cristão. Os deuses africanos são vilipendiados, suas crenças escarnecidas e postas à prova[6].

Partimos dessa premissa para introduzir o leitor à obra de Raymundo Nina Rodrigues aqui analisada. Após um bom par de cem anos o comportamento do médico não seria muito

[4] SAID, E. **Orientalismo**. 1990.
[5] Idem, p. 13.
[6] "O capitão Thomas Philips, descreverá sua viagem à Costa da Guiné, Whidaw, Ilha de São Tomé e Barbados. Em uma noite, convidado pelos nativos a conhecer seu ídolo, irritou-se e enfiou o cabo de sua bengala na boca dele. Depois, passou a atirar na estátua, para espanto dos africanos" (AZORLI, D. Ecos da África Ocidental. **Dissertação de Mestrado em História.** 2016, p. 67).

diverso. Por isso nos inspiramos em Said para fazer nesse trabalho o exame do discurso sem o qual "não se pode entender a disciplina enormemente sistemática por meio da qual a cultura europeia conseguiu administrar – e até produzir – o Oriente política, sociológica, ideológica, científica e imaginativamente"[7].

Said fala em domesticação das sabedorias orientais para o uso europeu. Dizemos o mesmo com relação ao nosso tema, uma vez que houve uma seleção da cultura africana, do que seria diminuído e ridicularizado e do que seria espoliado e exibido em museus europeus[8].

A cultura hegemônica que decide o que será valorizado e o que será tido como inferior reverbera até os dias de hoje em pautas candentes sobre assuntos variados. Grada Kilomba relata que todo semestre, no primeiro dia do seminário que oferece na Alemanha inicia com perguntas de conhecimento tidos como gerais e óbvios: "O que foi a Conferência de Berlim em 1884-85? Quais países africanos foram colonizados pela Alemanha?"[9], passando, após, a perguntas mais específicas: "Quem foi a Rainha Nzinga e que papel ele teve na luta contra a colonização europeia? Quem escreveu *Pele Negra, Máscaras Brancas*?"[10]. Quando os estudantes brancos se calam, sem saber as respostas e os estudantes negros sabem a maioria delas, a autora evidencia que os que agora falam estavam antes "silenciosos não porque não conseguem articular suas vozes ou línguas, mas sim porque não possuem *aquele* conhecimento. Quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê?"[11].

O que Kilomba demonstra, e concordamos com ela, é que os conceitos de erudição e ciência são definidos e dependentes do poder hegemônico e da autoridade racial. Aqui aproveitamos para compartilhar do conceito de racismo racial adotado por Jessé Souza. O autor procura evidenciar que nos casos do Brasil e Estados Unidos, como "toda superioridade é branca e toda inferioridade é negra"[12], por vezes isso leva a pensar que todo racismo é racial. Contudo, Jessé afirma que "o racismo primordial é a base da vida social e política"[13]. Para o autor, "a ciência herdou da religião o prestígio de dizer o que é verdadeiro ou falso [...]

---

[7] SAID, 1990, p. 15.
[8] Recordamos que até hoje diversos países pleiteiam a devolução dessas peças. Vide: <África exige da Europa devolução de seu patrimônio – Jornal da USP>, <África do Sul pede que Reino Unido devolva diamante após morte de Elizabeth II | CNN Brasil>, <Museu de Londres vai devolver 72 objetos saqueados da Nigéria no século 19 - BBC News Brasil>, <Como 4 países se preparam para o retorno de arte roubada - 26/08/2023 - Ilustrada - Folha (uol.com.br)> e muitas outras reportagens que mostram isso.
[9] KILOMBA, G. **Memórias de Plantação**. 2019, p. 49.
[10] Idem, grifos da autora.
[11] Idem, p. 50, grifo da autora.
[12] SOUZA, J. **A guerra contra o Brasil**. 2020, p. 20.
[13] Idem.

o que é justo e o que é injusto”[14]. Quando consideramos a ciência apartada de posicionamento, prossegue o autor, cometemos o erro de julgá-la neutra e, por isso, despida de interesses.

Nina Rodrigues e não apenas ele, obviamente, ao falar pelos negros que “entrevista” nos remete à cortesã egípcia de Flaubert, referenciada por Said, “ela nunca falou de si mesma, nunca representou suas emoções, presença ou história. Ele falou por ela e a representou”[15]. Por ser homem, estrangeiro e rico ele se valeu de “fatos históricos de dominação que permitiram não apenas que ele possuísse Kuchuk Hanem fisicamente como também que falasse por ela”[16]. Substituindo a cortesã pelo tema dos candomblés, Nina seria Flaubert. Fazemos essa alusão para evidenciar como Nina e os cientistas de seu tempo não assumem o compromisso de dar voz a seus objetos de pesquisa, senão falar por eles e no lugar deles[17].

Os europeus dependiam, na constatação de Said, da estratégia de “superioridade posicional flexível” para fazer valer seu “considerável investimento material” geração após geração. Já no caso do nosso tema, é esse “investimento” que justifica as acaloradas reações sobre as afirmações de Ruth Landes: muito mais porque ela ousava contestar o já consolidado saber científico do grupo masculino branco que a recebeu com tanta deferência do que por fazer uso de uma análise particular do objeto analisado, no caso os candomblés.

Ao escrever o prefácio de uma tese de doutoramento, Antonio Candido diria que o autor, Sergio Micelli, produzira um inquérito tenso e um tanto punitivo sobre sua própria categoria: o intelectual. Micelli demonstra, prossegue Candido, como os intelectuais, “isto é, ele e nós”[18], correspondem às expectativas e interesses dos donos do poder. São, em geral, filhos dos grupos dominantes ou da classe média pobre e abastada e recebem vantagem de berço. Por outro lado, para Daniel Pécaut, os intelectuais não precisam renunciar a nada: “a ideologia lhes permite [...] ser elite quando necessário, ou povo quando conveniente”[19].

---

[14] Idem, p. 22.
[15] SAID, 1990, p. 17.
[16] Idem, p. 18.
[17] Bastaria observar a disputa de egos no 1º CAB, no capítulo 2.
[18] CANDIDO, A. Prefácio. 1979. p. IX.
[19] PÉCAUT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil**. 1990, p. 9. “Sentindo-se consciência privilegiada do ‘nacional’, ele [o intelectual] constantemente reivindicou para si o papel de guia, condutor e arauto”. VELLOSO, M. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. 1997. p. 57.

"O intelectual parece servir sem servir, fugir, mas ficando, obedecer negando, ser fiel traindo"[20]. Intelectuais têm patrões e patronos. "Os intelectuais mesmo sem o saber, buscam justificar sua 'vocação', ou melhor, se empenham em reconstituir as circunstâncias sociais que, no seu entender, se colocam na raiz de suas inclinações para as profissões intelectuais"[21]. Partindo da nossa experiência pessoal é possível dizer que produzir, sejam livros, dissertações ou teses não é trabalho barato. E dizemos para além do valor financeiro. É um grande privilégio, dependendo da classe social de que se provém, ler, estudar e deixar produções, acadêmicas ou não, para a posteridade, quanto mais para quem estuda e trabalha.

É um fato, para este trabalho, que os intelectuais abordados usufruíram de financiamento estatal, para produzirem suas obras. E aqueles que não puderam alcançar tal benesse, foram relegados ao esquecimento, com raras exceções. Para serem financiados precisavam agradar e corroborar os dogmas da ciência vigente. "E, talvez não tenha sido por acaso que alguns intelectuais da passagem do século que explicitamente combateram o racismo em sua produção intelectual, como Lima Barreto ou Manuel Bonfim tenham sido ridicularizados enquanto viveram e excluídos de instituições que formal ou informalmente tinham algum significado de aceitação de seu papel"[22]. Desse modo, é pertinente questionarmos os vieses, financiamentos e interesses ditos e demonstrados pelos intelectuais que analisamos. "O fato de que atualmente todos prestem homenagens à democracia reconquistada não nos deve fazer esquecer que a maior parte lutou pela ampliação dos espaços democráticos sem por isso aderir a 'democracia formal'"[23].

Arthur Ramos não deixou de se queixar quando afirmou, em 1926, ao apresentar sua tese de doutorado, *Primitivo e Loucura*, que aquela não era a obra que ele queria ter escrito[24]. Já em 1949, a nove dia de sua morte, quando já fazia parte do quadro do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, voltou a reclamar em correspondência direcionada à sua assistente: "estou aqui sacrificando minha saúde, e de Luiza [sua esposa], num trabalho

---

[20] CANDIDO, 1979, p. X. Pécaut recordaria, no prefácio de sua obra, a frase de Sartre: "o intelectual é alguém que se intromete no que não lhe diz respeito" (PÉCAUT, 1990, p. 5).

[21] MICELLI, S. **Os intelectuais e a política no Brasil**. 1979, p. XXIII. "A elite intelectual apresentou-se, em diferentes momentos, investida da missão de revelar a verdadeira face da nação e de traçar as linhas de força para o futuro. O credenciamento para a tarefa proviria de uma suposta qualificação para desvendar as regras de funcionamento do social e desse modo formular, a partir de dados e critérios objetivos, políticas de ação. Tal direito sempre lhe pareceu algo evidente, que dispensava qualquer tentativa de justificação" (DE LUCA, T. **A Revista do Brasil.** 1999. p. 19).

[22] CORRÊA, M. **As ilusões da liberdade**. 2001, p. 52.

[23] PÉCAUT, 1990, p. 11.

[24] Almeida, A. Arthur Ramos. 2015.

exaustivo, procurando elevar o nome do nosso país, e nossa Universidade não me favorece as condições de tranquilidade indispensáveis" [25].

Por volta de 1936, após instalada a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, Édison diria a Ramos, em correspondência: "dei uma escapada"[26] ou "devido à insegurança da minha vida ultimamente [...]. Sei lá se vou morrer ou, pelo menos, apodrecer numa prisão!"[27]. E, chegaria até a um humor mórbido: "todo mundo com a cabeça ainda no lugar"[28].

Anos mais tarde, Waldir Oliveira rememoraria as ironias políticas pelas quais passara Édison: "e quando se via, nas ruas de Dacar, a desfilar em carro oficial da Embaixada do Brasil, ele ria bastante de toda a incoerência que cercava tal fato. Afinal lá estava um indivíduo suspeito que tivera sua vida vasculhada, sua biblioteca desfalcada, como representante de um Governo que tentara puni-lo[29].

Esse trabalho é produzido em uma instituição pública (mesmo que tenha consumido muitos dos meus recursos financeiros pessoais e emocionais) por isso é desejável e esperado que seja lido por todos que a ele tenham acesso ou por ele se interessem[30]. Mas para alcançar tal objetivo é preciso que seja acessível também na linguagem. Mencionamos isso para reforçar a ideia de que temos que diminuir a distância entre a Universidade e a Comunidade. Com isso em mente, procuramos desvendar os termos que possam criar embaraço ou dificuldade de leitura nas notas de rodapés.

Desenvolvemos grande parte da nossa pesquisa durante a pandemia de Covid 19, quando não era possível consultar bibliotecas físicas e acervos *in loco*. Daí nossa opção na

---

[25] Idem, p. 96.

[26] OLIVEIRA, W.; LIMA, V. **Cartas de Édison à Arthur Ramos**. 1987, p. 89. Em cartas enviadas à Arthur Ramos, Édison se refere ao autor de "O Capital" como "velho Marx", demonstrando bastante intimidade. Vide pp. 83 e 91. Édison praticava uma espécie de "autocensura, [...] buscando com isso não borrar as chances de publicar aquele que poderia ser seu livro etnográfico de estreia, sabendo, decerto, que sua ideologia e sua militância partidária não agradavam a Arthur Ramos" (ROSSI, L. O intelectual "feiticeiro". **Doutorado em Antropologia Social.** 2011, p. 195).

[27] Idem, p. 109.

[28] Idem, p. 145.

[29] OLIVEIRA, W. Édison Carneiro. 1980, p. 8. Carneiro seria perseguido por suas atividades ligadas ao comunismo.

[30] Entretanto, compartilhamos da frustração de Nicolau Parés: "como estudioso do candomblé, tenho a esperança de que o que escrevo gere algum interesse no adepto da religião e no leitor informado de modo geral. Contudo, [...] as percepções e preocupações do povo de santo podem em muito se afastar daquelas que eu possa trazer com base em interpretação de documentos produzidos 75 anos atrás por pesquisadores alheios ao mundo do candomblé. Há hoje no povo de santo um interesse genuíno pelo passado e pela ancestralidade dos terreiros, mas pouco pelas cronologias elaboradas pelos acadêmicos. As etnografias e os relatos históricos das casas circulam, sobretudo entre os adeptos mais jovens e letrados, e são utilizados para legitimar e prestigiar a autoridade de suas lideranças" (PARÉS, N. O candomblé da Bahia e o terreiro do Bogum nos *Herskovits Papers*. 2016, pp. 193-4).

utilização do periódico *O Cruzeiro*, devido sua disponibilidade de forma sequencial[31] na internet e pela sua penetração no cenário brasileiro quanto a ditar os rumos do que se pretendia como moderno para o Brasil[32]. Sobre esse documento, pontua Marlise Meyer: "a revista tratou de reforçar e, até mesmo, construir a ideia de desenvolvimento não apenas econômico, mas múltiplo, mostrando as mudanças em curso em todos os setores da sociedade brasileira"[33]. As representações nessa revista eram capazes de atribuir valores a comportamentos negativos ou positivos criando modelos a serem seguidos por homens e mulheres, continua a autora. Seu público-alvo eram as camadas alta e média. Ela nos foi de grande valia por constituir o contraponto no modo como os intelectuais analisados por nós ao longo desse trabalho eram recepcionados pelo discurso das elites editoriais[34].

Outro periódico disponível, encontrado na internet e que cobria os eventos que estudamos de forma sequencial foi o *Diário de Pernambuco*[35]. Esse periódico surgiu em 1825 e passou por diversas modificações editoriais ao longo dos anos. "Em 1934 tornou-se sociedade anônima e integrou-se à cadeia nacional de jornais montada por Assis Chateaubriand, onde permaneceu até 2015, passando para o Grupo R2"[36]. Esses dois periódicos, disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira[37] são utilizados por nós de forma mais profusa além de outros que aparecem de forma mais esparsa ou como documento secundário.

O método utilizado por nós, nessa tese, foi o da micro-história[38]. Sidney Chalhoub, na introdução de seu livro *Visões da Liberdade*, adverte que é preciso observar os rastros dos fatos nos documentos e construí-los a partir dos interesses específicos de cada autor, além de

---

[31] A revista está disponível de 1928 (ano de sua fundação) a 1985, porém, nesse trabalho, utilizamos os intervalos de 1934 a 1938 e de 1947 a 1953. Também nos foram úteis duas edições esparsas: 1961 e 1982. Lançamos mão do recurso de busca por palavras-chaves para encontrar os textos de nosso interesse no periódico.
[32] "A revista tinha quase dez vezes mais leitores do que a soma dos telespectadores de suas duas estações televisivas". (MEYER, M. Revista O Cruzeiro. 2010, p. 199).
[33] Idem, p. 198.
[34] "O *Cruzeiro* foi, durante muito tempo, o carro-chefe do primeiro conglomerado de imprensa e a primeira rede de comunicação instituída no país, ou seja, o oligopólio formado pelos Diários Associados de propriedade de Assis Chateaubriand, cuja importância e influência sobre os rumos do país são bem conhecidas [...]. As posições de Chateaubriand podem ser sinterizadas como: defesa do capital estrangeiro e combate aos nacionalistas mais radicais, que definia como xenófobos. Defendia, também, a criação da 'cultura nacional' com base no exotismo das paisagens e do povo mestiço". (MEYER, 2010, p. 199).
[35] Disponível de 1825 a 1996 na internet. Nos ativemos às edições do ano de 1934, por causa das notícias sobre o Primeiro Congresso Afro-brasileiro.
[36] SILVA, E. O jornalismo do Diário de Pernambuco... **Tese de doutorado na área de comunicação**. 2020, p. 91.
[37] Disponível em: <Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional (bn.gov.br)>.
[38] Vide Ginzburg, C. **O fio e os rastros**. 2007, pp. 249-279.

uma imaginação controlada, característica da disciplina histórica[39]. É também o que Carlos Ginzburg chamou de "método Morelli": "é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros [...] pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis[40]". Desse modo, entrecruzamos nossas fontes no intuito de cotejar, comparar e reconstruir os fatos por nós analisados com o máximo de proximidade que podem proporcionar os recursos que temos disponíveis.

Em nossa graduação em geografia produzimos como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a partir de nossas leituras sobre candomblés, mapas sobre a territorialidade dos Orixás na África Ocidental[41]. O objetivo desse trabalho era criar mapas sobre a localização dos Orixás na África Ocidental a partir dos textos sobre eles, cantigas, mitologia e outros. Iniciávamos, com este trabalho, a leitura de diversas obras sobre as religiões africanas. Já surgiam diversas questões, sobre os intelectuais contemplados na presente tese.

Dois anos depois, defendíamos a nossa dissertação em História. Nesse novo trabalho, pretendíamos estabelecer relações entre a mitologia dos Orixás e as questões cotidianas das mulheres africanas do século XIX na África Ocidental[42]. Para tanto nos valemos de relatos de viajantes, mitologia dos Orixás, cantigas, orikis[43], visita a terreiros de candomblés, entrevistas a fiéis, dirigentes e outros.

O termo "candomblés" no título dessa tese, ao invés do singular "candomblé" e a falta de definição no trabalho do que seja candomblé é parte de uma crítica[44]. As definições sobre candomblé, constantemente negociadas entre os atores sociais, têm diferenças bem menos claras quanto querem os pesquisadores que a utilizam, portanto disporemos de termos como "religiões de matriz africana", "culto afro-brasileiro" e outros, sem esquecer que este trabalho

---

[39] CHALHOUB, S. **Visões da Liberdade**. 1990, p. 18.
[40] GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais.** 1989, p. 144.
[41] AZORLI, D. Mapa dos Orixás. **Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia**. 2014.
[42] Azorli, 2016.
[43] "A palavra *oriki* compõe-se de *ori* e *ki*. *Ori* significa *origem* e *ki, saudar* ou *louvar*. Logo, *oriki* significa louvar ou saudar o *Ori* ou a origem daquele a quem se refere" (SALAMI, S. **Ogum**. 1997, p. 47, grifos do autor).
[44] "Não se pode falar do candomblé sem levar em consideração os outros cultos que pertencem ao mesmo universo religioso e que ajudam a definir suas fronteiras. Nos estudos afro-brasileiros, o candomblé se opõe à umbanda ou à macumba conforme o caso, como o candomblé nagô se opõe ao candomblé banto, estando o segundo tempo da oposição sempre marcado pela inferioridade e a degradação em relação a uma africanidade ideal. Este é o resultado de um processo contínuo de construção da identidade, por meio do deslocamento progressivo da oposição que sempre define o outro como o degenerado, o poluído, o não autêntico". (CAPONE, S. **A busca da África no candomblé**. 2009, p. 21).

reconhece a imaginária busca de um candomblé puro, original e depositário da África pelos intelectuais estudados, mas não a endossa[45].

As oposições entre os candomblés são mais um discurso do que uma realidade comprovável. Cada terreiro tem a sua definição do que seja correto ou reprovável e a cada contato com outras casas de culto, com pesquisas acadêmicas e bibliográficas, com a influência da internet, ou mesmo o falecimento de um dirigente e ascensão de outro, as definições são revistas, redelimitadas e redesenhadas. Nesse contexto de redefinição, expressões como "misturado", "degenerado", "corrompido", são termos de difamação e acusação como também "feitiçaria", "magia negra", "umbandomblé", "marmotagem", "brincar de bater tambor", "brincar de santo" e tantos outros.

As fontes primárias utilizadas nesse trabalho são os livros:

- O Animismo Fetichista dos Negros Baianos em três edições (Fac-símile dos artigos publicados na Revista Brazileira em 1896 e 1897, com apresentação e notas de Yvone Maggie e Peter Fry[46]; edição de 1935, com notas e prefácio de Arthur Ramos[47] e a edição mais recente de 2021[48]);

- *Os Africanos no Brasil*, principalmente o capítulo VII: sobrevivências religiosas, religião, mitologia e culto (em três edições: a de 1945[49], a de 2010[50] e a de 2021[51]);

- *O Negro Brasileiro*, a edição de 1940[52];

- *Religiões Negras*, a edição de 1936[53] e a edição de 1991[54];

---

[45] "Nunca existiu uma umbanda ideal como aquela descrita por seus teólogos, nem um candomblé 'puro africano' como os porta-vozes da tradição teriam desejado". (Idem, p. 28).
[46] RODRIGUES, R. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Apresentação e notas Yvonne Maggie, Peter Fry. Ed. Fac-símile. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Editora UFRJ, 2006 [b].
[47] RODRIGUES, R. **O Animismo Fetichista dos Negros Baianos**. Prefácio e notas de Arthur Ramos. Biblioteca de Divulgação Científica. Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1935.
[48] RODRIGUES, R. **O animismo fetichista dos negros baianos.** 2ª ed. Salvador: P55 Edições, 2021.
[49] RODRIGUES, R. **Os Africanos no Brasil.** Brasiliana – Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 9. Companhia Editora Nacional. 3ª ed. 1945.
[50] RODRIGUES, R. **Os Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
[51] RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. Salvador: P55 Edições, 2021.
[52] RAMOS, Arthur. **O Negro Brasileiro**. 1º volume: Etnografia religiosa. 2ª ed. aumentada. Companhia Editora Nacional. 1940.
[53] CARNEIRO, Édison. **Religiões Negras**: notas de etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1936.

- A Cidade das Mulheres em duas edições; a de 1967[55] e a de 2002[56].

O capítulo 1 trata das obras de Nina Rodrigues que se referem ao candomblé. Nele procuramos caracterizar o início do século XX e a modo como o intelectual encarava as religiões africanas, seguido de nossas críticas e constatações. No capítulo 2 discutimos as obras de Arthur Ramos e Édison Carneiro além dos dois congressos afro-brasileiros, sua organização, desdobramentos, recepção e repercussões. No capítulo 3 discutimos a obra de Ruth Landes e o modo como ela foi recebida no Brasil e no exterior.

*Optamos por atualizar a ortografia das citações para uma maior fluidez do texto, exceto quando os termos ou palavras referirem-se às grafias que possam surtir interesse para nossa pesquisa ou de outrem.

---

[54] CARNEIRO, Édison. **Religiões Negras**: notas de etnografia religiosa. 3ª ed. **Negros Bantos**: Notas de etnografia religiosa e de folclore. 3ª ed. Civilização Brasileira. 1991.
[55] LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
[56] LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão e notas de Édison Carneiro. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de modernidade delineado para o Brasil do início do século XX não incluía os povos africanos, nem, tampouco, suas manifestações culturais como os candomblés. Os tambores, responsáveis por invocar os deuses negros, eram considerados pelos periódicos em circulação na época como "infernais" e "diabólicos". As danças africanas, momento em que os orixás eram agradados e dividiam sua comunhão com a humanidade, eram lidos pelas elites brasileiras como "orgias macabras" e "exibição lasciva". Sem dúvidas os negros e sua religião não faziam parte do país civilizado que o Brasil almejava se tornar. Esses costumes tidos como "atrasados" e "incivilizados" caracterizavam um país que deveria ficar no passado, esquecido e superado pelas reformas morais que nossa nação estava disposta a fazer para se parecer como as maiores potências europeias da época.

Como dissemos na introdução dessa tese, grande parte de nosso trabalho foi concebida durante a pandemia de Covid 19. Dentre as diversas obras de entretenimento, com que tivemos contato durante o período de enclausuramento (*lockdown*), o Caso Evandro[745] nos perturbou bastante. O poder público do Paraná, no processo considerado o mais longo da história do judiciário brasileiro (34 dias), deu o nome de "Operação Magia Negra" ao conjunto de documentos do caso. A imprensa, a todo momento, aproveitava para polemizar utilizando os termos "caça às bruxas", "oferendas a Iemanjá", "oferendas a Ogum", etc. Trazemos o caso à tona para recordar que passados os anos, a opinião pública pouco se modificou sobre o assunto de nossa pesquisa e mesmo o poder público cometeu erros grosseiros como o citado.

De forma paradoxal, o ano de 2020 marcou o resultado da campanha "liberte nosso sagrado", com a Polícia Civil do Rio de Janeiro assinando o termo de transferência dos itens

---

[745] O desaparecimento de um menino em 1992, em Guaratuva (PR), levou a uma série de investigações bastante controversas, com uso de torturas para provocar confissões falsas e com desejo de linchamento público. As investigações concluíram que a criança havia sido morta em um ritual religioso executado por um pai-de-santo Osvaldo Marcineiro. O caso foi levado à júri popular em 1998. O Ministério público reabriu o caso e anulou o júri, novos julgamentos ocorreram. O caso voltou a ter um júri em 2011. Os diversos problemas, omissões e reviravoltas do caso foram alvo do *podcast* "Projetos Humanos" de Ivan Mizanzuk e, mais tarde o caso tornou-se uma série documental produzida pela *GloboPlay*. Ao fim dos longos anos, nada foi comprovado e tudo não passou de muita imaginação e preconceito contra religiões africanas com consequências irreparáveis. Vide: PARANÁ, Estado do. Secretaria da Segurança Pública Polícia Militar do Paraná. **Operação Magia Negra** (caso Evandro), 1992.

roubados, apreendidos, alienados e usurpados das religiões de matriz africana, para o Museu da República. Dentre os objetos devolvidos estão itens apreendidos desde 1889 a 1945[746].

Essa tese de doutorado pretendeu desfilar diante dos olhos do leitor a longa, indigna e persistente perseguição que o povo de santo e as religiões de matriz africana vêm sofrendo num país que diz respeitar a liberdade religiosa, é o que se convencionou chamar de racismo religioso[747] ou intolerância religiosa[748]. Num passado recente, ouvíamos gracejos como a expressão "chuta que é macumba" e mesmo atualmente, não é raro ouvir outros dizeres derivados, um pouco mais velados, configurando aquilo que chamamos de racismo recreativo[749].

O médico Nina Rodrigues tomou para si a missão de sanear o Brasil e propor soluções para que adentrássemos a modernidade tão almejada. Se por um lado as duas obras de Nina Rodrigues, analisadas aqui, não tiveram uma grande repercussão na época de lançamento, por outro serviram para reforçar os laços com autores estrangeiros. Seus livros serviram de base, ponto de partida, foram apreciados e tiveram sua vida útil estendida por seus alunos e seguidores da Escola Nina Rodrigues.

Enquanto Nina procurava se estabelecer como médico legista e intelectual que partindo de suas observações em campo poderia ajudar a ditar os rumos de um país e "melhorar a sua pátria" mais próximo de sua construção pessoal e vigente na imaginação de seus pares. Nina procurou escrever sobre diversos temas e, no que interessa a esse trabalho,

---

[746] Disponível em: <Polícia Civil do Rio devolve acervo de religiões de matriz africana - Noticia Preta - NP>.

[747] "O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência. Uma vez fora dos padrões hegemônicos, um conjunto de práticas culturais, valores civilizatórios e crenças não pode existir; ou pode, desde que a ideia de oposição semântica a uma cultura eleita como padrão, regular e normal seja reiteradamente fortalecida" (NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. 2020, p. 47).

[748] "No cerne da noção de intolerância religiosa, está a necessidade de estigmatizar para fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular e não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio'. (Idem, p. 19).

[749] "O racismo recreativo opera a partir de alguns mecanismos [...] primeiro, ele não pode ser interpretado apenas como um tipo de comportamento individual, produto da falta de sensibilidade de um indivíduo em relação a outro. O racismo significa neste contexto um sistema de dominação e isso significa que atos racistas operam de acordo com uma lógica e com um propósito que transcendem a motivação individual. Práticas racistas devem ser compreendidas dentro de um esquema no qual membros do grupo racial dominante atuam com o objetivo de legitimar as formas de manifestação do status privilegiado que sempre possuíram. O que estamos chamando de racismo recreativo deve ser interpretado como um projeto de dominação racial que opera de acordo com premissas específicas da cultura pública brasileira. Embora ele esteja baseado na noção de inferioridade moral de minorias raciais, ele está associado a um aspecto da doutrina racial brasileira que procura mitigar a relevância dessa prática social: a ideia de cordialidade essencial do nosso povo" MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. 2019, p. 95).

com relação ao candomblé, delineou ou apenas marcou com cores mais fortes, traços que seriam seguidos e copiados por seus sucessores. São os casos do nagocentrismo, de um certo desprezo pela mitologia dos orixás e do agravamento da marginalização de outras tradições de matriz africana que não os imaginados Keto/nagô.

As obras *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos* e *Africanos no Brasil* demonstram a indignação do autor com a religião dos africanos que tinha a ousadia de se mostrar à luz do dia. Denuncia também a contaminação da religião católica pelos costumes degenerados dos negros, essa que era, na crença de Nina, a religião de tão elevado intelecto. Rodrigues dissimula seus preconceitos no discurso científico vigente da época, fazendo reverberar nas obras preocupações e indignações suas e da elite brasileira frente ao avanço das religiões africanas em um país que recém "libertara" seus escravizados.

Nina descreve pais-de-santo como pessoas violentas, abusivas e interesseiras numa clara disputa de campo profissional: ele um médico legista, homem da ciência, não poderia tolerar os tratamentos de saúde que essa população desprovida de médicos encontrava nas culturas africana e indígena. A mensagem das obras, diferente do que foi interpretado por seus admiradores, anos mais tarde, é clara: que nenhum branco seguidor da religião oficial brasileira se encante por essas práticas africanas reprováveis, o esforço de um homem cientista e respeitável estava ali para evitar que a curiosidade colocasse mocinhas e senhoras de boa índole a perder.

Poucos anos depois, Arthur Ramos, talvez o mais influente dos intelectuais tratados nesse trabalho, utilizou-se de suas obras para amenizar e esclarecer certas questões de Nina Rodrigues, na tentativa de reabilitá-lo e criar condições de prosseguir com seu legado. Em *O Negro Brasileiro*, Ramos avança com a propagação da superioridade do culto dos nagôs, sua interpretação das religiões africanas é fortemente focada na psicologia da época. Falante de diversas línguas, Ramos foi capaz de criar em torno de si uma rede nacional e internacional de intelectuais.

Rede esta que lhe foi muito útil quando decidiu deslegitimar a pesquisa de Ruth Landes. As correspondências trocadas entre ele e seus pares demostram a recepção de uma mulher, naquela época, em um campo de conhecimento majoritariamente masculino e branco. Arthur auxiliou e serviu de modelo e informante para diversas pesquisas de estrangeiros que vieram ao Brasil e produziram obras sobre questões raciais, sociais e religiosas. A soma de

seus esforços lhe possibilitou o convite para trabalhar na UNESCO. Sua obra foi vasta e profícua, contudo, por diversos motivos não passou a posteridade.

O Primeiro Congresso Afro-brasileiro, coordenado por Gilberto Freyre e pela Escola Recifense foi a interessante plataforma para analisarmos o lugar que coube às religiões africanas no Brasil de 1934: o papel de exótico e pitoresco. Os líderes dos cultos foram mobilizados para alimentar os participantes com quitutes africanos e mostrar-lhes seus terreiros, contudo a imersão no mundo do candomblé parava por aí: o evento foi marcado por discursos racistas e apenas intelectuais brancos tiveram espaço para propagar suas opiniões. O lado positivo do evento parece ter sido a ausência da ênfase no nagocentrismo, mesmo que isso não fosse algo unânime.

Édison Carneiro, um intelectual negro, com suas publicações sobre os candomblés, sua forte presença na organização do Segundo Congresso Afro-brasileiro, com suas reportagens no *Estado da Bahia* e no direcionamento que deu a pesquisa de Ruth Landes fez um interessante uso das ferramentas que seu lugar social e racial lhe permitia. Suas posições, ligeiramente distintas de Ramos e Rodrigues fazem de seus livros uma leitura mais fluída, com uma obra altamente informativa, contudo também repleta de observações preconceituosas.

O Segundo Congresso Afro-brasileiro, agora nas mãos da Escola Baiana, pouco diferiu do seu congênere com relação a opinião sobre a população africana e sobre religiões negras. Esse evento também foi palco de discursos racistas e serviu mais aos intelectuais brancos do que a população negra. Os intelectuais, como vimos, entre acusavam-se: as escolas Recifense e Baiana procurava descredibilizar uma a outra daquilo que ambas praticavam. Deixavam claro, desse modo, que pouco se preocupavam com as religiões africanas e os negros, apenas utilizavam aquele espaço para autopromoção.

Finalmente, a pesquisadora norte-americana Ruth Landes, foi capaz de impactar bastante um cenário sobre a pesquisa de religiões africanas que já se pensava bastante consolidado, nas mãos dos "donos do assunto". Talvez, não o tenha feito do modo que esperava, mas ela deixou para a posteridade um relato único, capaz de nos transportar para os terreiros de candomblé e quase visualizar aqueles protagonistas que contribuíram para tornar possível a continuidade das religiões de matriz africana, independente da tradição, perseguição policial ou mesmo dos próprios praticantes. Se a discussão de gênero não recebeu

o destaque merecido na época, anos depois a obra da autora alcançaria seu lugar de prestígio em pesquisas futuras que confirmariam ou rediscutiriam seus pontos de análise, reconhecendo o devido destaque de seu livro.

PERIÓDICOS E REVISTAS

1º CONGRESSO Afro-Brasileiro. In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 14 de novembro de 1934a. nº 252, ano 109, p. 1.

1º CONGRESSO Afro-Brasileiro. In: **Jornal do Povo**. Rio, 17 de outubro de 1934b, nº 8, p. 1.

1º CONGRESSO Afro Brasileiro. In: **Jornal do Povo**. Rio, 18 de outubro de 1934c, nº 9, p. 3.

1º CONGRESSO Afro-Brasileiro. In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 14 de novembro de 1934a. nº 252, ano 109, p. 1.

1º CONGRESSO Afro-Brasileiro. In: **Jornal do Povo**. Rio, 17 de outubro de 1934b, nº 8, p. 1.

1º CONGRESSO Afro Brasileiro. In: **Jornal do Povo**. Rio, 18 de outubro de 1934c, nº 9, p. 3.

1º CONGRESSO Afro-Brasileiro. In: **Jornal do Povo**. Rio, 19 de outubro de 1934d, nº 10, p. 12.

1º CONGRESSO Afro-Brasileiro. In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 14 de novembro de 1934a. nº 252, ano 109, p. 1.

1º CONGRESSO Afro-Brasileiro. In: **Jornal do Povo**. Rio, 17 de outubro de 1934b, nº 8, p. 1.

1º CONGRESSO Afro Brasileiro. In: **Jornal do Povo**. Rio, 18 de outubro de 1934c, nº 9, p. 3.

1º CONGRESSO Afro-Brasileiro. In: **Jornal do Povo**. Rio, 19 de outubro de 1934d, nº 10, p. 12.

AMADO, Jorge. O jovem feiticeiro. In: **Boletim de Ariel**, 1936, pp. 68-9.

CARNEIRO, Edison. Exploração do Negro. In: **A Manhã**, 14 de novembro de 1935. p. 3.

____. O Folclore Negro do Brasil. **Boletim Ariel**, Janeiro, 1936, Ano V, nº 4, pp. 104-106.

CARNEIRO, Luciano. Enterremos "Lampião". In: **O Cruzeiro**, Rio de janeiro, 17 de outubro de 1953. Ano XXVI, nº 1, pp. 92-5; 6.

CONDÉ, José. Ouvindo uma geração. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1937, Ano IX, nº 52, pp. 34-6.

EM torno da restrição dos dias para os "toques" nos "changôs". In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 23 de julho de 1935, nº 172, ano 110, p. 10.

FERRAZ, Aydano do Couto. 2º Congresso Afro-Brasileiro. In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 1 de novembro de 1936, nº 259, ano 111, seção 2, p. 2.

____. Uma questão de Escolas. In: **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 de dezembro de 1936, nº 31, ano 112, 2ª seção, p. 2.

FREITAS, Geraldo de. Fabricantes de mistérios. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, nº 47, 13 de setembro de 1947. p. 24.

____. Não há raças superiores. In: **O Cruzeiro**, 19 de novembro de 1949, p. 37.

____. O Negro Brasileiro. In: **O Cruzeiro**, 26 de agosto de 1950, p. 41.

FREYRE, Gilberto de Melo. A propósito de um babalorixá afro-brasileiro. In: **O Cruzeiro**, 4 de fevereiro de 1961, nº 17, ano XXXIII, p. 58.

____. O Afro-Brasileiro. In: **Diário de Pernambuco**, Recife, 11 de novembro de 1934, n. 250, Ano 109, p. 3.

LIVROS Novos. In: **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1935, Ano VII, nº 31, p. 2.

LIVROS Novos. In: **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1934, Ano VII, nº 6, pp. 2-3.

LIVROS Novos. In: **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1937, Ano X, n. 4, p. 56.

MOREL, Edmar. Abatido o "Rei do Cangaço". In: **O Cruzeiro**, Rio de janeiro, 6 de agosto de 1938, número 40, Ano X. pp. 16-7; 44.

NETTO, Antonio Accioly. Nascimento, vida e glória da maior e melhor revista da América Latina. In: **O Cruzeiro**. Brasília, 30 de maio de 1982, Ano 52. Pp. 86-9.

O 1º Congresso Afro-Brasileiro. In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 13 de novembro de 1934, nº 251, Ano 109. Pp. 1 e 10.

O ENCERRAMENTO do 1º Congresso Afro-Brasileiro. In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 16 de novembro de 1934, n. 254, Ano 109, p. 4.

OLIVEIRA, Franklin. Sete dias: cristal do tempo. In: **O Cruzeiro**, 12 de novembro de 1949, p. 7.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Adir da Luz. Arthur Ramos: Intelectual em Perspectiva. **História Actual Online**, 38 (3), 2015. Pp. 85-100.

AMADO, Jorge. Elogio de um chefe de seita. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 235-328.

ARAUJO, J. L. B.; AZORLI, Diego F. R.; Zacharias, A. A.; CUNHA, F. L. **O discurso de progresso no jornal 'A Voz do Povo' entre 1927 e 1937**. Geografia e Pesquisa (UNESP. Ourinhos), v. 14, nº 2, pp. 7-22, 2020. <O discurso de progresso no jornal "A Voz do Povo" entre 1927 e 1937 | Araujo | Geografia e Pesquisa (unesp.br)>

AYOH'OMIDIRE, Félix; AMOS, Alcione M. O Babalaô fala: a autobiografia de Martiniano Eliseu do Bomfim. In: **Afro-Ásia**, nº 46, 2012. pp. 229-261.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3ª ed. ampl. e atualizada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites – século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AZORLI, Diego F. R.; CUNHA, F. L. Águas de Oxalá: o mito do rei recontado nos terreiros de candomblé paulista. In: **I Simpósio Internacional Patrimônios - Cultura e Sociedade no século XXI, 2015**, Ourinhos. I Simpósio Internacional Patrimônios - Cultura e Sociedade no século XXI. Ourinhos, 2015. v. I. pp. 218-230. <Àwọn Omi Òṣàlá: o mito do rei recontado na mitologia dos orixás | Azorli | Geografia e Pesquisa (unesp.br)>.

____. Àwọn Omi Òṣàlá: o mito do rei recontado na mitologia dos orixás. **Geografia e Pesquisa (UNESP OURINHOS)**. v. 10, pp. 13-20, 2016. <Àwọn Omi Òṣàlá: o mito do rei recontado na mitologia dos orixás | Azorli | Geografia e Pesquisa (unesp.br)>.

____. Olúbáje: A Comunhão com o Senhor da Terra. In: II Simpósio Internacional Patrimônios: Cultura, Identidade e Turismo, 2019, Ourinhos - SP. **Anais do II Simpósio Internacional Patrimônios: Cultura, Identidade e Turismo.** Ourinhos-SP: UNESP/Ourinhos, 2019. v. único. p. 191-205. <TD_2019_carmo_do_rio_claro.pdf (pliniocorreadeoliveira.info)>.

____. Omulu: de deus da varíola a senhor da terra. In: LERR (laboratório de estudos sobre religiões e religiosidades), IX seminário internacional práticas religiosas no mundo contemporâneo, 2021, Londrina. **Anais do LERR** (laboratório de estudos sobre religiões e religiosidades), IX seminário internacional práticas religiosas no mundo contemporâneo, 2021. v. 4. pp. 667-680.

AZORLI, Diego Fernando Rodrigues. Dinâmicas espaciais do candomblé nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. In: **X Semana de Geografia**, 2014, Ourinhos. Anais da X Semana de Geografia da UNESP de Ourinhos, 2014. v. 1. pp. 131-141. <Microsoft Word - Anais Semana de Geografia OFICIAL (unesp.br)>.

____. Do que riem as Pombagiras. **EDUCAÇÃO EM REVISTA**, v. 24, pp. 1-25, 2023.<Do que riem as Pombagiras | Educação em Revista (unesp.br)>.

____. Ecos da África Ocidental: o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX. **Dissertação de Mestrado**. Assis: UNESP, 2016. <Acervo Digital: Ecos da África Ocidental: o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX (unesp.br)>.

____. Kosi ewe Kosi Orixa: a manutenção das religiões afro em tempos de crise ambiental. In: **IX Semana de Geografia da UNESP, 2013, Ourinhos**. O espaço brasileiro contemporâneo: leituras sobre campo, cidade e região, 2013. v. I. p. 159-164. <anais-ix-semana-de-geografia.pdf (unesp.br)>.

____. O Mapa dos Orixás: Uma Análise da Desterritorialização e Reterritorialização dos Orixás da África Ocidental para o Brasil. **Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia**: UNESP – Campus Experimental de Ourinhos, 2014. <Mapa dos orixás: uma análise da desterritorialização e reterritorialização dos orixás da África Ocidental para o Brasil (unesp.br)>.

____. Orixás: Memória e Esquecimento. In: VII Simpósio Nacional de História Cultural, 2014, São Paulo. **Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural, 2014**. v. 1. p. 1-9. <Diego Fernando Rodrigues Azorli.pdf (gthistoriacultural.com.br)>.

____. Os axés na cidade. **Geografia e Pesquisa (UNESP OURINHOS)**, v. 8, pp. 70-85, 2014. < OS AXÉS NA CIDADE | Azorli | Geografia e Pesquisa (unesp.br)>.

____. Terreiros de Candomblé: a microterritorialidade afro-religiosa em Ourinhos-SP. In: **II Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas Cidades, 2012**, Presidente Prudente. II Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas Cidades. Presidente Prudente, 2012. v. II. pp. 605-617. <Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas Cidades e Seminário Nacional sobre múltiplas Territorialidades. - Edições anteriores (google.com)>.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Arquivo Arthur Ramos: Inventário Analítico**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

____. Intelectuais em rede construindo as ciências sociais: o arquivo Arthur Ramos e o Projeto Unesco no Brasil. In: PEREIRA, Cláudio Luiz; SANSONE, Livio. (orgs.) **Projeto UNESCO no Brasil**: textos críticos. Salvador: EDUFBA, 2007. pp. 270-320.

____. Introdução. In: **Arquivo Arthur Ramos: Inventário Analítico**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. pp. 9-16.

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia:** feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

BITTENCOURT, Dario de. A liberdade religiosa no Brasil: a macumba e o batuque em face da lei. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 169-199.

BOMFIM, Martiniano do. Os ministros de Xangô. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 233-236.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e uma país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945).** São Paulo: DIFEL, 1979. Pp. IX – XII.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

CARNEIRO Édison. **Candomblés da Bahia**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

____. FERRAZ, A. Congresso afro-brasileiro da Bahia. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2ª Congresso Afro-brasileiro (Bahia). 1940, pp. 7-11.

____. Homenagem a Nina Rodrigues. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 331-334.

____. **Ladinos e crioulos**: estudos sobre o negro no Brasil. Apresentação e notas de Raul Lody. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

____. O médico dos pobres. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 203-207.

____. Uma revisão na etnografia religiosa afro-brasileira. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. pp. 61-68.

____. **Religiões Negras**: notas de etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1936.

____. **Religiões Negras**: notas de etnografia religiosa. 3ª ed. **Negros Bantos**: Notas de etnografia religiosa e de folclore. 3ª ed. Civilização Brasileira. 1991.

CARNEIRO, Souza. **Os mitos africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1937 (Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 103).

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. A eugenia no humor da Revista Ilustrada Careta: raça e cor no Governo provisório (1930 – 1934). **Dissertação de Mestrado em História**. Assis, 2014.

CHACON, Vamireh. **Gilberto Freyre:** uma biografia intelectual. São Paulo: Ed. Nacional, 1993.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte imperial**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

____. **Trabalho, lar e botequim**: cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da *belle époque*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2012.

____. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CLAY, Vinícius. O Negro em O Estado da Bahia: de 09 de maio de 1936 a 25 de janeiro de 1938. **Faculdade de Comunicação da UFBA**, Salvador, 2006.

CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO (2: 1937: Salvador, BA). **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da liberdade**: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. 2ª ed. ver. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

____. Cartas marcadas: Arthur Ramos e o campo de relações raciais no final dos anos 1930. In: **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, nº 119. 1999. pp. 35 – 58.

____. Prefácio. In: LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão e notas de Édison Carneiro. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. pp. 9-22.

____. Raimundo Nina Rodrigues e a 'garantia da ordem social'. **Revista USP**, São Paulo: EDUSP, n. 68, pp. 130-139, 2005-2006.

COSTA, Valéria; GOMES, Flávio. **Religiões negras no Brasil**: da escravidão à pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2016.

COUTO, Mia. **As areias do imperador livro dois**. A espada e a azagaia. Editorial Caminho, SA: Portugal, 2016.

DANTAS, Beatriz Goes. Vovô nagô, papai branco: usos e abusos da África no Brasil. **Dissertação de mestrado em Antropologia**. Universidade Estadual de Campinas, 1982.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. Fundação Editora da UNESP: São Paulo.1999.

DUARTE, Luiz Fernando. Arthur Ramos, antropologia e psicanálise no Brasil. In: **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, nº 119. 1999. pp. 11 – 28.

EISENBERG, Peter L. Prefácio In: AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites – século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Pp. 13 -15.

ENGELS, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.

FAILLACE, Vera Lúcia Miranda (org.). **Arquivo Arthur Ramos: Inventário Analítico**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

____. Apresentação. In: **Arquivo Arthur Ramos: Inventário Analítico**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. Pp. 7 – 8.

FERNANDES, Gonçalves. **Xangôs do Nordeste**: investigações sobre os cultos negro-fetichistas no Recife. Biblioteca de Divulgação Científica – Civilização Brasileira. Rio de janeiro, 1937.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 12ª ed. br., 13ª ed. em língua portuguesa. Editora Universidade de Brasília, 1963.

FRY, Peter. Apresentação. In: LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão e notas de Édison Carneiro. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. pp. 23-30,

____. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Frederico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GUIMARÃES, R. Contribuições banto para o sincretismo fetichista. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 129-137.

HEALEY, Mark. Os desencontros da tradição em *Cidade das Mulheres*: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes. **Cadernos Pagu** (6-7), 1996. pp. 153-200.

HERSKOVITS, Melville, J. Deuses africanos e santos católicos nas crenças dos negros do Novo Mundo. Tradução de Caio Pereira. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. pp. 19-29.

____. **The Myth of the Negro Past**. New York (London): Haper & Brothers Publishers, 1941.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão e notas de Édison Carneiro. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

____. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

____. Escravidão negra e status feminino. In: **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão e notas de Édison Carneiro. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002b. pp. 348-352.

____. Matriarcado Cultual e Homossexualidade Masculina. In: **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão e notas de Édison Carneiro. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002c. pp. 319-331.

____. O Culto Fetichista no Brasil. In: **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva; revisão e notas de Édison Carneiro. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002d. pp. 333-345.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. E a Bahia Civiliza-se... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana Salvador, 1912-1916. **Mestrado em História.** Salvador, UFBA, 1996.

LIMA, Vivaldo de Costa. Os candomblés da Bahia na década de trinta. In: OLIVEIRA, Waldir Freitas; LIMA, Vivaldo da Costa (orgs.). **Cartas de Édison Carneiro à Arthur Ramos**: de 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938. São Paulo: Corrupio, 1987. pp. 39-73.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MACGAFFEY, WYATT. O fetichismo revisitado: o "nkisi" do congo em uma perspectiva sociológica. In: SILVA, Vagner Gonçalves da; KATUVANJESI, Tata Nksi; DAMASCENO, Walmir; OLIVEIRA, Rosenilton Silva de [et. al.]. **Através das águas**: os bantu na formação do Brasil. São Paulo: FEUSP, 2023. pp. 175-195.

MAGGIE, Yvonne; FRY, Peter. Apresentação. In: RODRIGUES, Raimundo Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Apresentação e notas Yvonne Maggie, Peter Fry. Ed. Fac-símile. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Editora UFRJ, 2006 [b]. pp. 9-25.

____. Nota dos organizadores. In: RODRIGUES, Raimundo Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Apresentação e notas Yvonne Maggie, Peter Fry. Ed. Fac-símile. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Editora UFRJ, 2006 [b]. pp. 7-8,

MARTINS. Carlos Augusto de Miranda e. **Racismo anunciado**: o negro e a publicidade no Brasil (1985-2005). São Paulo: C. A. M. Martins, 2009.

MATORY, J. Lorand. Homens montados: homossexualidade e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras. Tradução de João José Reis. In: REIS, João José (org.). **Escravidão e invenção da liberdade**: estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. pp. 217-231.

MEYER, Marlise. Revista O Cruzeiro: um projeto civilizador através das fotorreportagens (1955-1957). **História Unisinos**, vol. 14, vol. 14, n.º 2, maio-agosto, 2010. pp. 197-212.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945).** São Paulo: DIFEL, 1979.

MINTZ, S. W.; PRICE, R. **O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo.** São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1978.

____. **O Negro revoltado**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NASCIMENTO, Ana Carolina Carvalho de Almeida. O Eminente scholar (e candomblezeiro) Dr. Edison Carneiro: pesquisa etnográfica e luta política com pais e mães de santo da Bahia na década de 1930. In: ABREU, Martha; XAVIER, Giovana; MONTEIRO, Lívia [et. al.] (orgs.). **Cultura negra vol. 2**: trajetórias e lutas de intelectuais negros. Niterói: Eduff, 2018. Pp. 328-353.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2020.

OLDEROGGE, D. Migrações e diferenciações étnicas e linguísticas. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.) **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2012. PP. 295 – 316.

OLIVA, A. R. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, nº 3, 2003, pp. 421-461.

OLIVEIRA, Amurabi. Amizades e inimizades na formação dos estudos afro-brasileiros. **Latitude**, vol. 12, nº 2, 2017. pp. 589-617.

____. Arthur Ramos (1903-1949): chefe do Departamento de Ciências Sociais da Unesco. **Revista Antropolítica**, n. 47, Niterói, sem. 2019. pp. 371-389.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. Édison Carneiro. **Afro-Ásia**, Salvador, nº 13, 1980. Pp. 4 – 12.

____. Os estudos africanistas na Bahia dos anos 30. In: OLIVEIRA, Waldir Freitas; LIMA, Vivaldo da Costa (orgs.). **Cartas de Édison Carneiro à Arthur Ramos**: de 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938. São Paulo: Corrupio, 1987. pp. 23-35.

____.; LIMA, Vivaldo da Costa (orgs.). **Cartas de Édison Carneiro à Arthur Ramos**: de 4 de janeiro de 1936 a 6 de dezembro de 1938. São Paulo: Corrupio, 1987.

PAIXÃO, Manoel Bernardino da. Ligeira explicação sobre a nação congo. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 349-356.

PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flávio. Razões afirmativas: pós emancipação, pensamento social e a construção das assimetrias raciais no Brasil. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza; GOMBERG, Estélio. (orgs). **Racismos: olhares plurais.** Salvador: EDUFBA, 2010. pp. 45-92.

PARANÁ, Estado do. Secretaria da Segurança Pública Polícia Militar do Paraná. **Operação Magia Negra** (caso Evandro), 1992.

PARÉS, Luís Nicolau. **A formação do Candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. 2ª ed. rev. Editora da UNICAMP: Campinas, 2007.

____. O candomblé da Bahia e o terreiro do Bogum nos *Herskovits Papers*. In: COSTA, Valéria; GOMES, Flávio (orgs.). **Religiões negras no Brasil**: da escravidão à pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2016. Pp. 190-221, formato epub.

PAZ, Clilton Silva da. Um monumento ao negro: memórias apresentadas ao Primeiro Congresso Afro-brasileiro no Recife, 1934. **Dissertação de Mestrado em História Social**. Rio de Janeiro: UFRF, 2007.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEREIRA, Ivonete. **"As decaídas": prostituição em Florianópolis (1900-1940)**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.

PIRES, Homero. Prefácio. 1933. In: RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. pp. 2-6,

____. Prefácio. 1933. In: RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. Salvador: P55 Edições, 2021. pp. 5-10.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: Editores, Editoras e "Coleção Brasiliana" nas Décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org). **História das Ciências Sociais no Brasil, vol.1**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989. Pp. 359 - 409.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. 11ª reim. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

____. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. Hucitec. São Paulo, 1991.

RAFAEL, Ulisses Neves. O não dito na obra de Arthur Ramos. **Sociedade e Estado, Brasília**, v. 24, p. 491-507, maio/ago. 2009.

____. Xangô rezado baixo: um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912. **Tese de doutorado em sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2004.

RAIMUNDO, Jacques. Sugestões (carta enviada a Édison Carneiro em 9 de janeiro de 1937). In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 359-363.

RAMOS, Arthur. **A aculturação negra no Brasil**. Companhia Editora Nacional: 1942. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 224).

____. Culturas negras: problemas de aculturação no Brasil. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 147-159.

____. "Mitos" Africanos. **Boletim Ariel**. Outubro 1937, Ano VII, nº 1, pp. 8-9.

____. Nina Rodrigues e os estudos negro-brasileiros. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 337-339.

____. Prefácio. In: RODRIGUES, Nina. **O Animismo Fetichista dos Negros Baianos**. Prefácio e notas de Arthur Ramos. Biblioteca de Divulgação Científica. Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1935.

____. Prefácio. In: RODRIGUES, Raymundo Nina. **As coletividades anormais**. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

____. Questões da mítica Negra. **Boletim Ariel**. Janeiro 1936, Ano V, nº 4, p. 144.

____. **O Negro Brasileiro**. 1º volume: Etnografia religiosa. 2ª ed. aumentada. Companhia Editora Nacional. 1940.

REIS, Meire Lúcia Alves dos. A Cor da Notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana 1888-1937. **Dissertação de Mestrado em História**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

RIBEIRO, Marcos A. P. A morte de Nina Rodrigues e suas repercussões. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 16, 1995. Pp. 54-69.

ROMERO, Sílvio. Estudo sobre a Poesia Popular do Brasil, Rio, 1888. In: RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. Salvador: P55 Edições, 2021. p. 11.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **As coletividades anormais**. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.

____. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Apresentação e notas Yvonne Maggie, Peter Fry. Ed. Fac-símile. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Editora UFRJ, 2006[b].

____. **O Animismo Fetichista dos Negros Baianos**. Prefácio e notas de Arthur Ramos. Biblioteca de Divulgação Cientifica. Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1935.

____. **O animismo fetichista dos negros baianos.** 2ª ed. Salvador: P55 Edições, 2021.

____. **Os Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

____. **Os Africanos no Brasil.** Brasiliana – Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 9. Companhia Editora Nacional. 3ª ed. 1945.

____. **Os africanos no Brasil.** Salvador: P55 Edições, 2021b.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. O intelectual “feiticeiro”: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. **Doutorado em Antropologia Social.** UNICAMP, Campinas, SP: 2011.

SALAMI, Sikiru. **Ogum**: Dor e Júbilo nos Rituais de Morte. São Paulo: Editora Oduduwa, 1997.

____.; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

____. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

SANSONE, Livio. Um campo saturado de tensões: o estudo das relações raciais e das culturas negras no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, nº 1, 2002, pp. 5-14.

___.; PEREIRA, Cláudio Luiz (orgs.). **Projeto UNESCO no Brasil**: textos críticos. Salvador: EDUFBA, 2007.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos candomblés**: perseguição e resistência no recôncavo da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Eugênia Anna. Nota sobre comestíveis africanos. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, p. 357.

SANTOS, Ynaê Lopes dos**. Juliano Moreira**: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira [livro eletrônico]. Niterói: Eduff, 2020.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. (orgs) **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

____. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

____. Rodrigues, Nina. O animismo fetichista dos negros baianos. Resenha. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2007, v. 50 n 2.

SERAFIM, Vanda Fortuna. O discurso de Raimundo Nina Rodrigues Acerca das Religiões Africanas na Bahia do século XIX. **Dissertação de Mestrado em História**. Universidade Estadual de Maringá, 2010.

SILVA, Eutalita Bezerra da Silva. O jornalismo do Diário de Pernambuco (1825-1985) na construção do (re)conhecimento sobre o cais José Estelita: memórias e expectativas sobre uma paisagem de espigões, armazéns e espelhos d'água. **Tese de doutorado na área de Comunicação.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Porto Alegre: 2020.

SILVA, Vagner Gonçalves da; KATUVANJESI, Tata Nksi; DAMASCENO, Walmir; OLIVEIRA, Rosenilton Silva de [et. al.]. **Através das águas**: os bantu na formação do Brasil. São Paulo: FEUSP, 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da metrópole**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

____. **Orixás da metrópole**. 2ª ed. São Paulo: FEUSP, 2022.

SKLOOT, Rebecca. **A vida imortal de Henrietta Lacks**. Tradução de: Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SKOLAUDE, Mateus Silva; LIMA, Matheus Silveira. **Entre escritos e eventos**: Gilberto Freyre e o congresso Brasileiro. Vitória da Conquista – BA: Edições Uesb, 2020.

____. Raça e nação em disputa: Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, 1ª Exposição Colonial Portuguesa e o 1º Congresso Afro-Brasileiro (1934-1937). **Tese de Doutorado em História.** Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

SÔLANKÊ, Ladipô. A concepção de Deus entre os negros iorubás. Tradução de Martiniano do Bomfim. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940, pp. 239-243.

SOUZA, Jessé. **A guerra contra o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

____. **Como o racismo criou o Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei do Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TAMANO, Luana Tieko Omena. A mestiçagem no microcosmo: entre a detração e a particularização permaneceu a democracia racial. Uma análise de A mestiçagem no Brasil de Arthur Ramos (1930-1950). **Dissertação de Mestrado em História**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2011.

TEIXEIRA, Heloísa Maria. Circulação de ideias: a influência de Melville Herskovits na trajetória intelectual de Arthur Ramos (1935-1949). **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n º 27, pp. 185-221, Ago./Dez., 2019.

TERRA, Lívia Maria. O "autor mal-dito": raça e nação no pensamento de Raimundo Nina Rodrigues. **Tese de doutorado em Ciências Sociais**. UNESP, 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª edição ver., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. **Revista de Sociologia e Política**, nº 9, 1997. Pp. 57-74.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África.** Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

VIDAL, Ademar. Costumes e práticas do negro. In: **O negro no Brasil**: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. pp. 33-58.

WACHTEL, Nathan. **Los vencidos:** los indios del Perú frente a la conquista española (1530-1570). Versión española de Antonio Escohotado. Madrid: Alianza Editorial, 1976.

WILKERSON, Isabel. **Casta**: as origens de nosso mal-estar. Tradução de Denise Bottmann e Carlos Alberto Medeiros. Zahar: Grupo Companhia das Letras, 2020.